



AVALIAÇÃO ESCOLAR: CENAS DE UM PROCESSO MULTIFACETADO

RODRIGUES, Scheila Leal¹; NASCIMENTO,
Rosângela Conceição Gomes²;

Resumo: Este estudo teve como objetivo verificar de forma se dão os processos avaliativos no contexto escolar, bem como levantar dados referentes às concepções e conhecimentos que permeiam esse processo. A pesquisa foi realizada em uma escola municipal da cidade da Cruz Alta, onde foi possível verificar de que forma ocorre a avaliação da aprendizagem, os instrumentos utilizados e as dificuldades que afligem os alunos nos dias de avaliação. A construção do estudo se deu através de levantamento bibliográfico e aplicação de questionários a professores e alunos. Constatou-se que a referida escola trata a avaliação como um momento solene e de grande importância para o processo educativo, utilizando-se de concepções e práticas tradicionais de avaliar. Pode-se observar que a escola preconiza a concepção de avaliação como mera verificação da aprendizagem. Identificou-se uma insatisfação dos alunos em relação à prova enquanto instrumento de avaliação, ressaltando a preferência de instrumentos que possibilitem ao educando ampliar seus horizontes de aprendizado no próprio ato avaliativo. Inferiu-se que a avaliação é um procedimento permeado de dificuldade para o aluno, que se sente bloqueado de demonstrar o que realmente aprendeu. No entanto, a avaliação não deve ser um momento sofrido e de dificuldades para o aluno, e sim um momento de tranquilidade onde possa demonstrar efetivamente o que aprendeu, para que o professor possa ter conhecimento e acompanhar a sua aprendizagem, para, se necessário, promover novos encaminhamentos no ensino, bem como rever sua ação pedagógica e sua metodologia de ensino, visando alcançar o sucesso da ação educativa.

Palavras-chaves: Aluno. Encaminhamento. Ensino. Professor. Sucesso.

Abstract: This study has as objective to verify in which way the evaluation processes happen in the school context, as well as getting data referring to the conceptions and acquirements that permeate this process. The research was made in a municipal school of the city of Cruz Alta, where it was possible to verify in which way the teaching evaluation happens, the used instruments and the difficulties that afflict the students on evaluation days. The construction of the study happened through a bibliographic survey and application of questionnaires to teachers and students. It was found that the referred school treats evaluation as a solemn moment and of great importance to the educative process, using conceptions and traditional practices of evaluating. It can be observed that the school professes the evaluation process as a simple learning verification. It was identified a dissatisfaction of the students in relation to

¹ Licenciada em Pedagogia – UNICRUZ. Pós-graduanda em Educação Ambiental – UFSM. Email: scheilaleal_rdr@hotmail.com

² Professora da UNICRUZ. Mestre em Educação nas Ciências. Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação na Pontifícia Universidade Católica de Porto Alegre. rognasci@bol.com.br



the test while evaluation instrument, highlighting the preference of instruments that enable the learner to amplify his learning horizons at the evaluation act itself. It was inferred that the evaluation is a procedure permeated with difficulty to the student, who feels blocked in showing what he really learned. However, the evaluation mustn't be a suffered moment and with difficulties to the student, but a natural process of tranquility, where he can show effectively what he learned, providing opportunities for the the teacher to follow his learning and if necessary to promote new routing in the teaching, as well as review his pedagogical action and his methodology, aiming to achieve the success of the educative action. The evaluation must always be in service to learning, and to the formation of critical and reflexive subjects, able to think, evaluate and propose changes to their growth.

Key Words: Student. Routing. Teaching. Teacher. Success.

Introdução

No cotidiano escolar a avaliação é sinônimo de muitos conflitos e preocupações, por ser uma prática complexa, que envolve o crescimento do aluno e a ação do professor e por estar sendo executada de forma desvirtuada de seus objetivos. São diversos os problemas que assolam o ato avaliativo, no entanto, o que mais desperta preocupações é o seu uso de forma desvinculada do processo educativo, como meio de classificação e exclusão dos alunos.

O presente trabalho, intitulado “Avaliação da aprendizagem: cenas de um processo multifacetado” surgiu mediante inquietações alusivas a esse modo desvirtuado de avaliar, e tem como objetivo compreender a razão de a avaliação ocorrer dessa maneira, a sua importância e seus significados no processo educativo, bem como analisar concepções dos sujeitos envolvidos nesse processo, buscando lançar um olhar crítico reflexivo sobre o contexto para melhor compreender, contextualizar e enriquecer a discussão em torno da temática.

O trabalho, de caráter bibliográfico e qualitativo propõe uma discussão em torno da avaliação da aprendizagem, utilizando-se de textos que contemplam várias perspectivas inerente ao ato de avaliar, ensinar e educar, tendo como embasamento teórico autores expoentes da Educação, tais como Vasconcellos (2000 e 2002), Ferreira (2002), Freire (1996), Hoffmann (1995), Luckesi (1998), entre outros. O trabalho ainda conta com uma pesquisa de campo realizada em uma Escola Municipal da cidade de Cruz Alta – RS.

O trabalho está dividido em dois momentos. O primeiro faz referência a alguns apontamentos históricos referentes à avaliação, bem como elucida importâncias e significados da avaliação. O segundo traz a reflexão em torno da prática avaliativa no ambiente escolar,



abordando suas concepções e atitudes acerca da avaliação e diversos outros aspectos alusivos à prática avaliativa, tais como aprendizagem, instrumentos, procedimentos e resultados.

Metodologia

Este estudo caracterizou-se como uma pesquisa do tipo descritiva interpretativa. Os sujeitos da pesquisa foram oito professores e quarenta e três alunos do 8º e 9º ano de uma escola municipal da cidade de Cruz Alta-RS. O instrumento de pesquisa foi um questionário, com perguntas abertas e fechadas, e para melhor contextualizar a pesquisa foi solicitado aos alunos que representassem graficamente como se sentem nos dias de avaliação e qual o significado de prova para cada um. Todos os alunos expressaram suas concepções através dos desenhos, o que contribuiu para revelar diferentes concepções e enriquecer, de forma criativa e artística, a discussão em torno da temática.

Avaliação Escolar

A avaliação escolar é um processo amplo, permeado de significado e importância para o aluno e para o processo educativo. De acordo com Luckesi (1998) a prática avaliativa como acontece nos dias de hoje em nossas escolas tem suas origens nas pedagogias dos séculos XVI e XVII. A literatura disponível sobre a história da avaliação também se refere à influência de Comenius sobre a prática que predomina hodiernamente nas escolas

A avaliação escolar brasileira também possui forte influência dos modelos educacionais norte-americanos. Segundo Luckesi (1998) a denominação avaliação da aprendizagem é de autoria de Ralph Tyler, que defendeu a ideia de que a avaliação poderia subsidiar um modo eficiente de fazer o ensino. Outro nome de destaque e grande contribuição na evolução das ideias pedagógicas referentes à avaliação da aprendizagem é Benjamin Bloom, autor da Taxonomia dos Objetivos Educacionais.

A avaliação é uma exigência do sistema educacional e é quase impossível pensar em aprendizagem sem pensar em um modo de verificar o que foi e o que não foi aprendido pelo aluno, os obstáculos e as falhas desse processo. Segundo Vasconcellos (2000, p. 54) “podemos imaginar um dia em que não haja mais nota na escola – ou qualquer tipo de reprovação – mas certamente haverá necessidade de continuar existindo avaliação para se acompanhar o desenvolvimento dos educandos e ajudá-los em suas eventuais dificuldades”.



Hoffmann (1994, p. 17) corrobora essa concepção ao dizer que “a avaliação é essencial a educação”.

A função principal da avaliação consiste em informar aos sujeitos do processo educativo se a aprendizagem ocorreu, com o objetivo de pensar e refletir o ensino, em busca de maior qualidade e êxito na aprendizagem. Após um período de ensino e de construção de saberes, o aluno é levado a uma situação avaliativa em que possa demonstrar, efetivamente, o que aprendeu. Esse processo possibilita ao professor verificar e acompanhar a forma como o conhecimento é construído pelos alunos, diagnosticando suas necessidades e dificuldades.

Avaliação é um processo de captação das necessidades, a partir do confronto entre a situação atual e a situação desejada, visando uma intervenção na realidade para favorecer a aproximação entre ambas. Avaliar é ser capaz de acompanhar o processo de construção do conhecimento do educando, para ajudar a superar obstáculos. É diferente de “ensinar” e cobrar o produto final, e ser capaz de dizer se confere ou não com o certo, com o parâmetro (VASCONCELLOS, 1998, p. 85).

Da mesma forma, a avaliação é um momento de autoconhecimento do professor e do educando, possibilitando diagnosticar para intervir em busca de resultados desejados. Luckesi (1998, p. 5) define avaliação como “(...) um juízo de qualidade sobre dados relevantes, tendo em vista uma tomada de decisão”. Assim, a avaliação fundamenta-se de fato no momento em que o seu resultado é manipulado em favor do aprendizado do aluno. Segundo Hadji (2001, p. 15) “A avaliação, em um contexto de ensino, tem o objetivo legítimo de contribuir para o êxito do ensino, isto é, para a construção desses saberes e competências pelos alunos”.

Se a avaliação apontar problemas de aprendizagem é indispensável a mudança no modo de ensinar, pois não possui grande valor, se não causar modificações e adaptações quando necessárias. Sendo assim, a avaliação viabiliza ao professor repensar sua prática e avaliar a si mesmo, refletindo sobre seus métodos de ensino e a eficiência dos mesmos. Consoante Forner e Trevisol (2012, p. 245) “ao avaliar e ser avaliado, o sujeito tem a oportunidade de refletir, interpretar, organizar e reorganizar seus processos individuais e coletivos de aprendizagem e desenvolvimento”.

É imprescindível ao professor conhecer as dificuldades e o tempo que os alunos precisam para compreender o conteúdo trabalhado e para alcançar os objetivos de aprendizado. Segundo Sant’Anna (2004, p. 10) “muitas vezes o professor introduz novos conhecimentos sem averiguar se os anteriores, e que são pré-requisitos para estudos subsequentes, foram compreendidos”. Este ato desencadeia um aprendizado precário que afeta a construção de conhecimentos futuros e deixa uma lacuna na formação do aluno.



A avaliação tem como função primordial a transformação da realidade, pois segundo Libâneo (2003) a educação é a mola para a transformação social. A partir da avaliação o professor e a escola podem munir-se de propostas para melhorar a aprendizagem dos alunos, e assim promover o êxito do processo educativo e a formação de um sujeito de sua aprendizagem, construtor de saberes, e modificar a realidade de evasão e fracasso escolar.

Acima tudo a avaliação tem o papel de contribuir para a formação de um sujeito crítico e reflexivo sobre o seu aprendizado e sobre a realidade em que está inserido. Pois como preconiza Freire (1983, p. 106) precisa-se de uma “educação que fosse capaz de colaborar com ele na indispensável organização reflexiva de seu pensamento”. E isso, se dá através de uma prática avaliativa que inclua o aluno e leve-o a pensar sobre o seu aprendizado, seus progressos e suas dificuldades, de forma reflexiva, para que possa tomar ações em busca do sucesso de seu crescimento. Se assim for, essa mesma atitude será levada para a vida toda do educando, fazendo-o pensar e refletir em todas as situações de sua vida.

Reflexões acerca das concepções de avaliação

Pensar em avaliação da aprendizagem remete-nos a pensar em uma prática desvirtuada e de pouco significado, que segundo Luckesi (1998), perdura há séculos na escola e na ação pedagógica dos professores, alicerçada em interesses, que segundo Vasconcellos (2000) correspondem a um determinado sistema social. Ao lançar-se um olhar sobre as concepções dos alunos e professores corrobora-se que a avaliação mantém-se calcada nessas raízes tradicionais, em que exame é considerado avaliação, uma vez que 60% dos alunos que participaram da pesquisa elucidaram essa concepção. Entre os educadores contatou-se a mesma perspectiva, uma vez que 70% dos professores compartilham essa mesma concepção.

Outra perspectiva evidenciada foi a relação de avaliação com notas, visto que 6% dos alunos pesquisados atribuem a função da avaliação apenas para gerar uma nota e/ou classificar o aluno, revelando uma visão limitada de avaliação, apenas como recurso para classificar o aluno como capaz ou incapaz de avançar para um novo ciclo. No entanto, segundo Vasconcellos (2000, p. 53-54) a nota é “uma exigência formal do sistema educacional”, mas não se pode restringir a avaliação - que se constitui um processo mais amplo e permeado de significado e importância para a vida do educando.

Em relação aos professores, apenas 35% concebem a avaliação como meio de verificar como está ocorrendo a aprendizagem e se há necessidade de modificações, caso a



aprendizagem não esteja incidindo com êxito. Essas concepções vão ao encontro do que é preconizado por Hoffmann (1994, p. 18) que infere que avaliação “ é a reflexão transformada em ação. Ação essa, que nos impulsiona a novas reflexões. Reflexão permanente do educador sobre sua realidade, e acompanhamento, passo a passo, do educando [...]”.

Apesar da diversidade de concepções, percebe-se que predomina entre alunos e professores a tradicional ênfase cognitiva, de transmissão de conhecimentos como aprendizado. O caráter tradicional se mantém, ao predominar a concepção de avaliação apenas como verificação da aprendizagem e para medir o conhecimento do aluno, expressando isso através da nota. Nessa perspectiva fica evidente a função do professor como transmissor do conhecimento e o aluno como mero receptor de conteúdos, demonstrando seu entendimento através da avaliação.

No que tange aos instrumentos de avaliação houve entre os alunos e professores unanimidade nas respostas ao citar provas, testes e trabalhos, porém também foram citados, raramente, alguns outros elementos, como observações diárias, pesquisa, debates, entre outros. Quando questionados sobre os instrumentos de sua preferência e a justificativa dessa escolha, 80% dos alunos afirmaram preferir trabalhos, enquanto 15% optaram entre provas e testes.

Percebe-se uma insatisfação dos alunos em relação à prova enquanto instrumento de avaliação, ao mencionarem que esta provoca alterações emocionais e não expressa com precisão o aprendizado, pois é permeado de memorização que logo é esquecida. Segundo Lima (1995, p. 55) “é na própria confecção das provas que o processo começa a se corromper: os professores não sabem organizar provas que realmente diagnostiquem o nível de assimilação da disciplina, sobretudo porque as provas são elaboradas com vistas à memorização”. Nota-se que os alunos reconhecem que a avaliação pode contribuir para a aprendizagem e desejam isso, como se observa em algumas respostas em que declaram preferir trabalhos pelo fato de oportunizar pesquisar e descobrir novos saberes.

Observa-se, através das representações gráficas feitas pelos alunos, uma manifestação negativa em relação à prova, como um processo sofrido e de muitas implicações emocionais. Evidencia-se isso nos desenhos que representam a prova como instrumento assustador, de medo e de opressão, como a expressão feita pelo aluno 1:

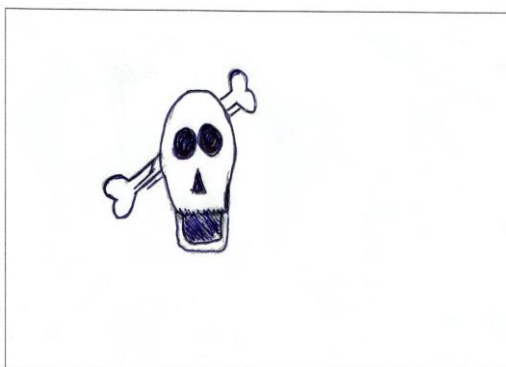


Figura 1 (aluno 23 -8º ano)

As imagens, sobretudo as expressões, apresentam o significado de prova como “uma coisa horrível”, “um monstro assustador”, sempre associado ao medo e a opressão, relacionado-a com a morte, como se a prova fosse o fim de tudo e não existissem mais chances para o sucesso e para o aprendizado. Outra perspectiva evidenciada nas representações gráficas foi a de estudar para a prova como se observa no desenho do aluno 7:

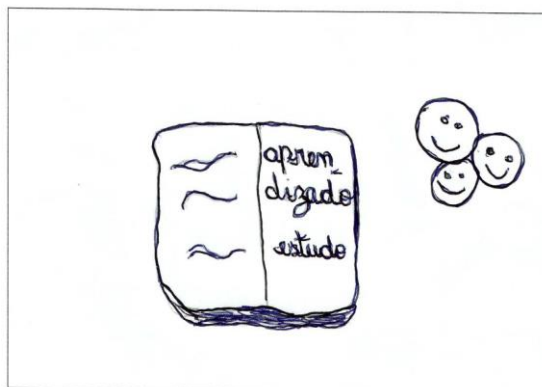


Figura 7 (aluno24 – 8º ano)

Nessa perspectiva o aprendizado não ocorre durante o processo, desvelando a falta de compromisso pedagógico e um ensino deficitário. O aluno não aprende durante o processo educativo, e no momento da prova, que deveria servir para acompanhar a aprendizagem e verificar se há necessidade de novos encaminhamentos. Consoante Vasconcellos (2000, p. 32), “a avaliação que deveria ser um acompanhamento do processo educacional, acabou tornando-se objetivo deste processo, na prática dos alunos e da escola; é o famoso “estudar para passar”.

O desenho do aluno 1 transmite o sentimento de desespero e aflição em relação a prova, relacionando-a com o suicídio, morte e sofrimento.

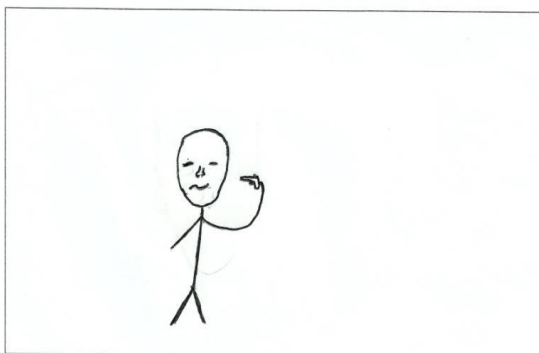


Figura 10 (aluno 1 – 9º ano)

O sentimento expresso pelo aluno 1 está relacionado com a representação de outros alunos, que declaram não saber nada no momento da prova, o que indica que o aprendizado não ocorreu e/ou que as alterações emocionais provocada pela prova são tão intensas que o aluno sente-se na condição de não lembrar de nada do que aprendeu, e por isso a sensação de medo e desespero, como se não houvesse mais solução. Assim, a prova, enquanto instrumento avaliativo provoca nervosismo, tensão, medo e insegurança. O aluno tem seu estado emocional muito abalado, mediante o medo de não conseguir tirar uma boa nota e ser reprovado.

O desenho do aluno 28 alude à prova enquanto instrumento de vingança dos professores em relação aluno:

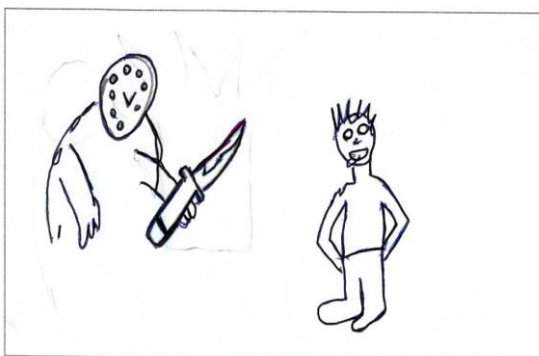


Figura 15 (aluno 28 – 9º ano)

O desenho retrata uma realidade muito comum nas escolas, em que o professor é incipiente em sua ação pedagógica, desenvolve um ensino deficitário, sem significado e importância para o aluno, geralmente baseado na enfática transmissão de conteúdos descontextualizados, acoplados a metodologias repetitivas e maçantes. Nessa perspectiva o aprendizado não é atraente e o aluno é conduzido ao desinteresse e à distração.



Mediante isso o professor usa a prova como forma de vingar-se de seus alunos pelo desinteresse e desatenção. Segundo Vasconcellos (2000, p. 37) “de instrumento de análise do processo educacional, a avaliação tornou-se instrumento de dominação, de controle, de seleção social, de discriminação, de repressão, adquirindo até um caráter passional de vingança, de “acerto de contas””. Segundo Luckesi (1998) quando o professor percebe que seu trabalho não está surtindo o efeito desejado e quando os alunos estão indisciplinados, ele já começa a proferir ameaças em relação à prova.

A avaliação concretiza-se a serviço da aprendizagem no momento em que o professor utiliza os seus resultados para promover novos encaminhamentos em sua prática educativa, visando superar as lacunas na aprendizagem e promover o pleno desenvolvimento do educando, considerando as dificuldades de cada um. De acordo com Luckesi (1998, p. 149) “a avaliação propicia acompanhamento e reorganização do processo de construção de resultados esperados”. Nesse sentido, 95% dos alunos afirmaram que a avaliação contribui para a aprendizagem. No entanto, as respostas novamente evidenciam um sentido distorcido de avaliação, não como meio de verificar o aprendizado, a fim de, se necessário, oportunizar novos encaminhamentos para a aprendizagem, mas sim como perspectiva de aprendizado através do estudo para a avaliação.

Dessa maneira, a aprendizagem não ocorre de modo natural durante o processo educativo, mas faz-se necessário o uso da prova como recurso para fomentá-la, coagindo os alunos a estudarem de forma autônoma para recuperar o aprendizado que não ocorreu. O aluno, vítima de uma incipiência pedagógica, vê-se obrigado a estudar mediante o medo da reprovação e a necessidade de obter uma boa nota. Segundo Vasconcellos (2000) essa situação não é em nada formativa, pois há a predominância do medo. Entre os professores foi unânime a concepção de que a avaliação contribui para a aprendizagem, mas também se identifica, mesmo que indiretamente, concepções semelhantes às concepções dos alunos.

Percebe-se que os alunos desconhecem o valor da avaliação enquanto instrumento a serviço da aprendizagem, e possuem uma visão limitada de aprendizagem ao relacioná-la com notas e classificação. Novamente fica evidente a ênfase demasiada a notas e a promoção, a ponto de que o aluno não tem nenhuma noção do que constitui sua aprendizagem e restringe-a a aspectos supérfluos do processo educativo. Segundo Ferreira (2002, p. 104) “todos na escola têm sua atenção voltada para este símbolo que, na maioria das vezes não corresponde ao conhecimento do aluno”.



Para que a avaliação contribua de fato para a aprendizagem é necessário que o seu resultado seja manipulado em favor do processo educativo: se apontar falhas na aprendizagem o professor deve retomar o que não foi aprendido pelos alunos, bem como refletir sobre sua ação pedagógica e seus métodos de ensino e se necessário fazer alterações nos mesmos. No entanto, na prática cotidiana percebe-se que não é dessa maneira que acontece, pois quando indagados sobre qual o procedimento dos professores após a avaliação, 38% dos alunos afirmaram que não há retomada alguma do que o aluno não aprendeu, sendo que o professor inicia em seguida um novo conteúdo, e cerca de 21% dos alunos evidenciaram que os professores retomam o que não foi aprendido após a realização da avaliação e 45%, citaram outras perspectivas de atitudes do professor após a avaliação, tais como correção da prova e/ou conversas sobre a mesma.

Nas respostas dos professores houve unanimidade em relação às atitudes pós-avaliação: todos afirmaram retomar os revisar os conteúdos que não foram aprendidos. As falas dos professores demonstram uma concepção coerente de avaliação, em que esta está a serviço da aprendizagem e do crescimento do educando. No entanto, analisando as concepções dos alunos e dos professores, convém questionar-se se o discurso coadune com prática.

Através das respostas também se constatou que a avaliação constitui-se um processo permeado de dificuldades para o aluno, sendo que 75% afirmaram ter dificuldades durante esse procedimento, 15% declararam ter dificuldades às vezes e apenas 5% afirmaram não ter nenhuma dificuldade. Inferiu-se que a maior dificuldade dos alunos são as alterações emocionais, uma vez que foram quase unânimes as respostas que evidenciaram a perspectiva do medo e do nervosismo no momento da avaliação. O nervosismo e a tensão são as alterações mais citadas. Hoffmann (1994, p. 14) faz referência a essa distorção no significado de avaliação, ao dizer que “dar nota é avaliar, fazer prova é avaliar, o registro das notas denomina-se avaliação”.

Outra perspectiva apontada pelos alunos como dificuldade nos dias de avaliação foi o fato de “dar um branco” no momento da prova, de esquecer tudo o que aprendeu e o que foi estudado, como se observa na seguinte representação gráfica:

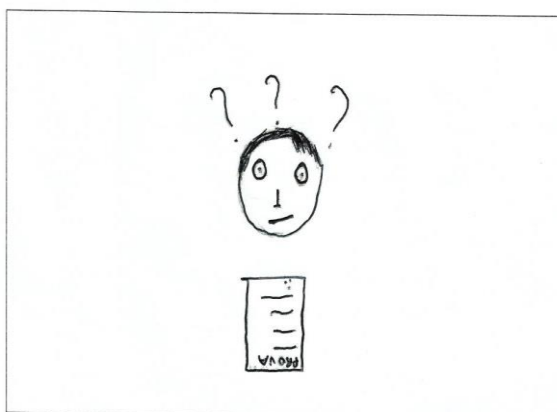


Figura 28 (aluno 18 – 9ºano)

Parte considerável dos alunos declarou não lembrar o que havia estudado, esqueceu o que aprendeu e sentiu-se na condição de não saber nada. Apesar de existir muitas falhas no ensino em nossas escolas, essa situação de “branco” no dia da prova é decorrente de alterações emocionais como tensão, nervosismo, medo, apavoramento, entre outras, que afetam o aluno nos dias de avaliação. O aluno sente-se tão aflito que acaba esquecendo momentaneamente parte do que estudou e aprendeu, impedindo de demonstrar o que sabe. Nesse sentido, Werneck (1995) diz que a avaliação tradicional é injusta, pois aprova quem não sabe, que pode ter usado um processo fraudulento, e reprova quem sabe, quando este teve apenas um bloqueio.

A preocupação dos alunos não é em averiguar se aprenderam o conteúdo ou não, mas em tirar uma nota suficiente para a promoção. O aluno não é obrigado a ir bem em uma avaliação ou acertar todas as questões, ele deve demonstrar o que realmente sabe, de preferência sem memorização e/ou estudo excessivos dias ou momentos antes da avaliação. No entanto, essa ênfase em notas, promove a distorção de todo o processo de aprendizagem, em que o principal prejudicado é o aluno.

Alguns alunos associaram as suas dificuldades nos dias de avaliação com imagens de sofrimento e aflição, conforme o desenho a seguir:

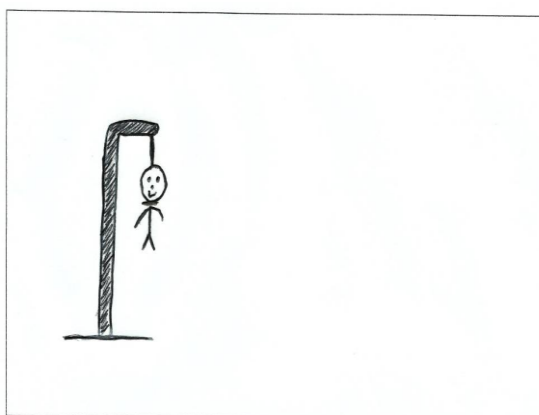


Figura 30 (aluno 1 – 9º ano)

A imagem retrata a perspectiva do suicídio e da morte - aspectos que já foram apresentados nesse trabalho, em relação à prova - expressando sofrimento, aflição, desespero e angústia. Transmite-se a ideia de que diante da avaliação não há mais saída, não existe mais chance para “ir bem” na avaliação, e por isso a relacionam com a morte. Esse sentimento é consequência do entendimento distorcido de avaliação, em que o aluno é obrigado a saber o conteúdo, e a expressar isso através da prova para obter uma nota para promoção, em vez de a avaliação ser usada para verificar o aprendizado e promover novas ações educativas.

Todas as dificuldades e concepções apresentadas pelos alunos em relação à avaliação estão associadas ao medo. O aluno tem medo de não conseguir fazer a avaliação, de errar tudo e não conseguir atingir a nota necessária para a aprovação, como citou um dos alunos. Mesmo que o ensino tenha sido satisfatório, o aluno é afligido pelo medo, isso porque os sujeitos do processo educativo, a escola e a sociedade, vivem condicionados à promoção e à classificação das pessoas. Luckesi (1998, p. 94) explica a razão desse estado emocional do aluno, ao dizer que “ [...] sob a forma de verificação, além de não obter as mais significativas consequências para a melhoria do ensino e da aprendizagem, ainda impõe aos educandos consequências negativas, como a de viver sob a égide do medo”.

Sabe-se que é própria da aprendizagem a existência de dificuldades e conflitos, pois se constitui um processo de construção, de transformação qualitativa, de progresso e de caráter dinâmico, e assim, apesar de ser um processo natural, exige muito do aluno. No entanto, a avaliação, que serve para promover a excelência da aprendizagem e detectar as dificuldades desse processo, não deve ser permeada dificuldades, e sim um procedimento simples e natural, em que o aluno não tenha interferências em demonstrar o seu conhecimento.



Considerações Finais

Não existe uma fórmula pronta para ensinar e aprender, muito menos para avaliar. O ato educativo é permeado de diferenças de todas as naturezas, de contradições, de descobertas e de transformações, e acima de tudo de muito significado para a vida do aluno. As considerações feitas até aqui apontam a maneira desvirtuada como a avaliação vêm acontecendo, com ênfase em provas e notas, permeada de uma equivocada concepção de aprendizado e usada até como maneira de disciplinar e pôr medo nos alunos. No entanto, a ação de avaliar não pode ser classificatória, penosa, de sacrifício, e de exclusão, pois isso nada tem a ver com os seus escopos, que são essencialmente positivos e de benéficos ao aluno e ao processo educativo.

A partir das respostas e representações gráficas feitas pelos alunos, foi possível perceber que a avaliação constitui-se um processo permeado de dificuldades e sinônimo de sofrimento e angústia na vida do educando. Um processo que deveria concretizar-se a favor do aprendizado e ser considerado como uma oportunidade de diagnosticar para intervir em busca do sucesso escolar tornou-se uma ameaça à permanência do aluno na escola e até mesmo uma forma de vingança por sua indisciplina. Da mesma forma, percebe-se que os professores, apesar de reconhecerem a verdadeira função e importância da avaliação, acabam sendo incipientes em sua prática, desvirtuando suas funções no processo educativo.

Sabe-se que a prática avaliativa como acontece nos dias de hoje é fruto de práticas antigas, que se consolidaram e permanecem arraigadas nas escolas. No entanto, o professor, enquanto sujeito que possui autonomia em sua sala de aula deve poder promover mudanças no modo de avaliar seus alunos. A avaliação, enquanto prática a favor da aprendizagem deve guiar aluno e professor no caminho do saber e da construção, ajudando-os a identificar as dificuldades e superá-las, bem como apontar qual a próxima atitude nessa caminhada, retornar ou prosseguir.

A avaliação deve induzir o aluno a pensar e refletir sobre os conteúdos propostos, levando-o a construir suas próprias concepções, e não apenas a estudar e a memorizar para provas, visando obter notas para a promoção. A prática avaliativa constitui-se processo muito mais amplo e de muito significado e influencia na formação do aluno e em toda a sua vida, e precisa ser encarada com a seriedade que exige. Alunos e professores, através de uma relação dialógica, podem ser grandes aliados e alcançarem grandes conquistas pessoais e educativas. Mas para isso, precisamos de uma prática avaliativa democrática, formativa e inclusiva, que



conduza aluno e professor pelo caminho do saber e do ensinar, onde todos estão constantemente avaliando-se e reconstruindo-se.

Referências:

FERREIRA, Lucinete Maria Souza. **Retratos da avaliação: conflitos, desvirtuamentos e caminhos para a superação**. 4 ed. Porto Alegre: Mediação, 2002.

FORNER, Damir Salete Galeazzi; TREVISOL, Maria Teresa Ceron. Significados e funções da avaliação da aprendizagem escolar. In: **Roteiro**, Joaçaba, v. 37, n. 2, p. 243-264, jul./dez. 2012. Disponível em: < editora.unoesc.edu.br/index.php/roteiro/article/download/1851/pdf> Acesso em: 01 set 2013.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 14. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

HADJI, Charles. **Avaliação desmistificada**. Trad. Patrícia C. Ramos. Porto Alegre: Artmed Editora, 2001.

HOFFMANN, Jussara. **Avaliação: mito e desafio. Uma perspectiva construtivista**. 13 ed. Porto Alegre: Educação e Realidade, 1994.

_____. **Adeus professor, adeus professora?** Novas exigências educacionais e profissão docente. 7 ed. São Paulo: Cortez, 2003. (Coleção Questões da Nossa Época; v. 67).

LIMA, Lauro de Oliveira. **Para que servem as escolas?** Petrópolis: Vozes, 1995.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação da aprendizagem escolar: estudos e proposições**. 7 ed. São Paulo: Cortez, 1998.

SANT'ANNA, Ilza Martins. **Por que avaliar? Como avaliar?: critérios de avaliação e instrumentos**. 10 ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

VASCONCELLOS, Celso dos Santos. **Superação da lógica classificatória e excludente da avaliação – do “é proibido reprovar” ao é preciso garantir a aprendizagem**. 2 ed. São Paulo: Libertad, 1998. (Coleção Cadernos Pedagógicos do Libertad; v. 5).

_____. **Avaliação da aprendizagem: práticas de mudança – por uma práxis transformadora**. 2 ed. São Paulo: Libertad, 1998. (Coleção Cadernos Pedagógicos do Libertad; v. 6).

_____. **Avaliação: Concepção Dialética - Libertadora**. 11 ed. São Paulo: Libertad, 2000. (Coleção Cadernos Pedagógicos do Libertad; v. 3).

WERNECK, Hamilton. **Prova, provão, camisa de força da educação**. Petrópolis, RJ: Vozes: 1995.